

O SUJEITO
ENTRE O
DESEJO E
O EXCESSO

A ESCRITA DE SI
POR ADOLESCENTES
EM AULAS DE ARTE

ROBINÉIA DA COSTA SERAPHIM

O SUJEITO
ENTRE O
DESEJO E
O EXCESSO

A ESCRITA DE SI
POR ADOLESCENTES
EM AULAS DE ARTE



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Seraphim, Robinéia da Costa

O sujeito entre o desejo e o excesso : a escrita de si por adolescentes em aulas de arte / Robinéia da Costa Seraphim. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2015.

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-348-2

1. Análise do discurso 2. Adolescentes – Educação 3. Arte e cultura 4. Educação – Brasil 5. Escrita I. Título.

15-02293

CDD-401.41

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação contemporânea : Análise do discurso :
Linguística 401.41

capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide

imagem da capa: Kasimir Malevich. *Círculo preto*. 1920. Óleo sobre tela. (detalhe)

preparação dos originais: Editora Mercado de Letras

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

ABRIL/2015

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

*Para a minha avó Marina (em memória),
meus pais, Eder, Rúbia e Paloma.*

Agradecimentos

À minha Orientadora, Professora Doutora Márcia Ap. Amador Mascia, pela confiança, paciência e sabedoria na orientação da dissertação de mestrado que deu origem a este livro. Agradeço especialmente à Professora Doutora Elzira Yoko Uyeno (em memória) e à Professora Doutora Alexandrina Monteiro pelo rigor com que realizaram a leitura do texto de qualificação e, dessa forma, auxiliaram na descoberta de outros pontos de vista que foram somados ao presente texto.

À minha família pela compreensão nos momentos de ausência.

À Capes, que disponibilizou parte dos recursos financeiros para a realização do estudo.

A parceria estabelecida entre a Fapesp e a Editora Mercado de Letras para tornar possível a publicação deste livro.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 9
Márcia Aparecida Amador Mascia

INTRODUÇÃO 11

Parte I – O sujeito da cultura e os rumos
do desejo na contemporaneidade

Capítulo 1
DESLOCAMENTOS IDENTITÁRIOS
E EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA 23

Capítulo 2
A ESCRITA DE SI, A ÉTICA E
A ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA 45

Capítulo 3
O SUJEITO DA CONTEMPORANEIDADE 67

Capítulo 4
A ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA 105

PARTE II – Um olhar ético e estético sobre a adolescência

Capítulo 5

A ARTE COMO FERRAMENTA DE ESCUTA. 125

Capítulo 6

A EMERGÊNCIA DE UM SUJEITO AMBIVALENTE. 153

CONSIDERAÇÕES FINAIS 217

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 223

APRESENTAÇÃO

(A)presentar, present(e)ar, oferecer como presente, presentificar, trazer para a presença são todos termos que me vieram à mente quando fui convidada a fazer essa (a) present(ação).

É com muita satisfação e, porque não dizer orgulho, que apresento esta obra. O trabalho que aqui se apresenta é, sem dúvida, um presente ao leitor interessado em discussões atuais sobre educação, no Brasil e no mundo, de modo especial, sobre os sujeitos implicados na educação, o professor e o aluno.

Este livro é fruto de uma pesquisa de Mestrado, empreendida na Universidade São Francisco, no Programa de Pós-Graduação em Educação e nasceu de leituras e discussões a partir das obras de Foucault, na interface com a Análise do Discurso e psicanálise, por um grupo de pesquisadores – professores, mestrandos e doutorandos –, tentando problematizar, questionar e entender o mundo contemporâneo e as (novas) relações entre pais e filhos, professores e alunos e os demais agentes que compõem a educação. Dentre as múltiplas questões atuais da educação, a autora, professora de Arte com uma vasta experiência em sala de aula, elegeu um dos pontos nevrálgicos, a postura dos adolescentes, quais sejam, a falta de limites, o desinteresse, o menosprezo, a passividade, a resistência e a violência que rondam a escola e minam as vidas dos sujeitos – professor e aluno-adolescente.

Com as ferramentas que tem em mãos, enquanto professora de Arte, a autora levanta relatos de processo de criação em artes visuais, considerados como “escrita de si” (no sentido foucaultiano), apontando as múltiplas identificações dos adolescentes, no intuito de (des)velar as posições-sujeito de modo a melhor entender “os sofrimentos, dores e afetos em nossa realidade ainda tão objetiva e racional”.

A análise das “escritas de si” transita entre as (novas) posições-sujeito do adolescente, entendidas como parte do momento pós-moderno, de onde emerge o sujeito do excesso, construído pela mídia, pelas novas tecnologias, pela emergência da globalização e principalmente pelo hiper consumo e as (antigas) posições-sujeito, características do pensamento iluminista e moderno. O conflito-confronto entre essas duas racionalidades, que constitui o momento contemporâneo, emerge nas escritas e nos desenhos dos adolescentes, como experiências do “falar de si”. Entre o desejo e o excesso, entre os limites e a falta deles, os sujeitos-adolescentes (des)bussolados que habitam as salas de aula “aparecem” na obra nos desafiando a (re)pensar a educação, para além do meramente pedagógico.

É nesse sentido que acredito que a autora dá vida aos sujeitos de pesquisa e nos faz vê-los como se fossem nossos filhos, nossos alunos, nossos vizinhos, ou seja, os atuais habitantes desse novo milênio. A obra nos instiga a pensar sobre nós: afinal, o que as gerações passadas fizeram para “produzir” tais sujeitos-adolescentes? E o que podemos fazer para “conviver” como esses nossos adolescentes? Em família, nas escolas, nas ruas ...

O livro termina nos levando a refletir sobre o papel da arte na constituição dos sujeitos “como obra de arte”: da ética e da estética da existência.

Trata-se, em última instância, de uma obra política, mas também, poética: “a escrita de si” de uma professora de Arte.

Para todos aqueles interessados a melhor entender os adolescentes contemporâneos, convidamos a leitura deste livro.

Márcia Aparecida Amador Mascia (USF)

INTRODUÇÃO

Ao evocar as lembranças da minha vida escolar, recordo-me do terror que eram as reuniões de pais e mestres. Eu ficava imaginando o que a professora iria falar de mim, do meu comportamento, das minhas notas. Então, do momento em que a minha mãe saía de casa até a sua volta, o tempo não passava, parecia uma eternidade até ela chegar com a carteirinha onde eram registradas as notas.

Nesse dia, eu e minha avó já aguardávamos para saber como tinha sido o bimestre. Ah! Se tivesse uma reclamação ou notas baixas, era aquele “sermão”, que se iniciava com minha mãe e minha avó e terminava no jantar com meu pai.

O principal argumento utilizado para me convencer da importância do estudo era de que sem ele, o que restava era trabalhar numa das indústrias têxteis da cidade, nas quais minha mãe trabalhara durante anos. Para a minha família, a importância do estudo era tanta que a ele era atribuído o estatuto de herança. Então diziam: Esta será a sua herança (o estudo). E para que eu estudasse, minha família não economizava em investimentos financeiros.

Esses investimentos não se limitavam aos relativos à escola que, na época, mesmo sendo pública, gerava um custo, mas em cursos extras, como pintura, datilografia, inglês e computação. Dentre esses cursos, a pintura foi o que teve um papel de destaque em minha vida. Foi nesse contexto que fiz algumas exposições coletivas, e como as pessoas não gostam muito do que eu pintava, decidi parar de expor e pintar por encomendas que também foram poucas. O que constatei em minha breve experiência como artista plástica é que numa cidade pequena como a minha, viver da arte é uma impossibilidade.

Assim sendo, sem dinheiro e sem nenhuma encomenda, ingressar em um curso superior não fazia parte dos meus planos imediatos, até que minha mãe decidiu comprar uma máquina de tricô para trabalhar em casa fazendo roupas de lã para bebê com a intenção de poder me manter na faculdade. Depois da aprovação no concurso vestibular, a produção de roupas de lã foi organizada numa linha de produção pelas mulheres da minha casa, cujas funções foram divididas e, o arremate que era a que me cabia, teria que ser conciliado com as leituras e os trabalhos da faculdade.

É dessa forma que posso resumir a minha vida de estudante, uma vida de luta e de privações em que o estudo está sempre em primeiro lugar. Foi assim que me tornei professora. Eu e minha família, porém, aprendemos com o tempo, que ter um diploma não significava muita coisa na minha cidade. Percebemos também que, se não quisesse trabalhar nas fábricas, mas seguir a carreira docente, precisava ser aprovada em concursos.

E foi assim que consegui meu primeiro emprego como secretária pela prefeitura do município. Fiquei no cargo de secretária por cerca de quatro anos e só o deixei para ingressar

no quadro do magistério do Estado de São Paulo no ano de 2000. A cidade que escolhi fica a cerca de 50 km do lugar onde moro, com a maioria das aulas no período noturno, com graves problemas de tráfico de drogas, violência e principalmente rivalidade entre gangues.

Entretanto, durante a atuação como professora de Arte, deparei-me com outros problemas; desta vez, relativos à disciplina que leciono. Aprendi que professores de Arte não podem contar com livros didáticos e nem acervos para consulta. Não podemos contar com materiais para todos e nem pedir para que os alunos adquiram, como na minha época de escola.

Além dos problemas materiais, deparei-me com problemas pedagógicos, ou seja, os alunos não tinham o hábito de ler na disciplina de Arte. Em virtude disso, os alunos não conheciam a história da arte, a crítica de arte e, por isso, não desenvolviam técnicas e estilos. Fiquei assustada, mas percebi que os alunos não tinham muito o que fazer diante da visão da escola que entendia que a disciplina de Arte existia no currículo com o propósito de enfeitar o pátio em alguma data comemorativa, fazer painéis e desfiles “cívicos”.

Contudo, descontente com a situação, reuni forças para fazer a arte parecer diferente aos olhos dos alunos. Primeiro, ensinando os alunos a ler e a escrever em Arte, problematizar sobre o objeto de arte, conhecer história da arte, fundamentar suas produções e desenvolver singularidades e estilos.

Esse foi meu primeiro desafio na escola, ou seja, levar aqueles filhos de plantadores de morango a entender o que era uma exposição e o que era e como se fazia um objeto de arte. Seis meses após obter a confiança dos alunos, consegui a remoção para a escola onde atuo no momento.

No ano seguinte, passei em outro concurso público para professora de Arte, desta vez num município vizinho e resolvi assumi-lo. Escolhi uma escola de periferia e me deparei com os mesmos problemas elencados anteriormente. Foi então que pude perceber que os problemas das escolas em relação aos adolescentes são muito parecidos. Os meus colegas de trabalho se incomodam muito com o desinteresse e a falta de compromisso dos alunos com os estudos. Particularmente, esse desinteresse também é algo que me incomoda, sobretudo por perceber que os estudos não têm o mesmo valor que tinha na minha época, a meu ver, porque as famílias não se importam com a vida escolar dos filhos.

Contudo, uma década depois, vejo que esse desinteresse tomou formas e proporções diferentes que refletiram não somente em minha prática como professora, mas também na dinâmica das instituições nas quais atuo.

O que era um simples incômodo se transformou em um problema que pode ser descrito como um rápido crescimento da falta de limites dos adolescentes. Como exemplos, podemos citar aquele estudante que está sempre distante durante as explicações, que não se importa com as notas, que não faz atividades em sala, que não anota os conteúdos em seu caderno, que entrega as provas em branco e, mesmo assim, é um frequentador assíduo das aulas.

Classificamos as atitudes descritas acima, como menosprezo, passividade e resistência frente às regras e às normas de conduta, aos conteúdos científicos, ao planejamento do próprio futuro, enfim, atitudes de menosprezo em relação àquilo que tanto valorizávamos há trinta anos.

Em virtude desse cenário, postulamos que estamos diante de um novo sujeito que, cada vez mais, constitui-se em

um enigma para a educação, uma vez que esses sujeitos não estão sendo capazes de valorizar a instituição escolar como uma possibilidade de mudança da situação em que vivem muitas vezes num contexto de pobreza, desestrutura familiar, uso de drogas e maus tratos.

As consequências para a escola podem ser descritas em todas as formas de dificuldades de aprendizagem, exclusões, baixo rendimento e evasão. Observamos que os nossos estudantes se encontram fortemente influenciados pelos discursos da mídia que reforçam um ideal de vida de “felicidade a qualquer preço” e que toma o lugar da família e da escola como modelos a seguir.

A partir de tais considerações, acreditamos poder questionar um modelo de educação que, nas últimas décadas, desenvolve-se pautada prioritariamente nos índices estatísticos e que desconsidera as mudanças no sujeito que dele faz parte. Em outras palavras, acreditamos que, para além das questões pedagógicas e estatísticas, existem outras questões que afetam o sujeito, e que a pedagogia tradicional não está, certamente, conseguindo lidar.

É com base nessas reflexões que nasceram a vontade de refletir e discutir sobre as formas como ocorrem os processos de subjetivação dos adolescentes em contexto escolar na contemporaneidade em aulas de arte. Pretendemos desdobrar essa temática nas seguintes perguntas de pesquisa: Que tipos de sujeitos emergem em relatos de processos de criação em artes visuais? Se possível for vislumbrar outros modos de subjetivação, diferentes do sujeito moderno, como eles se apresentam?

Para isso, partimos do pressuposto de que a escola ainda é pensada para os sujeitos da Modernidade, um sujeito coletivo, que “aceita” limites, planeja o futuro, que pensa no bem-estar de si próprio e do outro, enfim, um sujeito desejante. Porém,

postulamos que a escola se encontra diante de novas formas de subjetivação (Birman 1999[2007]), que mudaram em virtude de todo um contexto sociocultural. Esses novos sujeitos são denominados por Forbes (2008) como sujeitos do excesso.

Partindo desse pressuposto, hipotetizamos que estamos diante de um sujeito que se constitui no imbricamento das instâncias do desejo e do excesso, um sujeito dividido entre atender aos anseios da escola e ratificar a sua subjetivação como um sujeito desejante ou ceder aos excessos que regem suas vidas. Esse pode ser considerado, pelo menos em parte, o motivo do menosprezo e do desinteresse que só tem crescido com o passar dos anos.

Assim sendo, estabelecemos como objetivo geral de nossa pesquisa: Contribuir com uma problematização dos sujeitos adolescentes da educação contemporânea e da posição subjetiva ocupada por estes em um sistema educacional ainda centrado nos ideais modernos como regime de verdade.

Tal problematização se desdobrará nos seguintes objetivos específicos:

- a) Levantar os efeitos de sentido presentes em relatos de processo de criação artística e nos trabalhos artísticos de adolescentes que apontam para a constituição de subjetividades;
- b) Apontar nos relatos e nos trabalhos as marcas de constituição dessas subjetividades;
- c) Rastrear nessas marcas discursivas e imagéticas qual subjetividade prevalece: o sujeito do desejo ou o sujeito do excesso.
- d) Relacionar as marcas discursivas encontradas aos trabalhos artísticos para localizar algo que esteja além do que a palavra possa revelar.

Como pretendemos investigar os discursos dos adolescentes na educação, elegemos como *corpus* os seus próprios dizeres que se encontram em relatos de processo de criação em artes visuais. O *corpus* foi levantado em uma escola pública municipal durante as aulas de arte ministradas pela pesquisadora a estudantes do 6º ao 9º anos em 2010.

A importância do nosso estudo consiste em refletir sobre muitos problemas ocorridos no contexto escolar em relação aos comportamentos dos adolescentes e revelar possíveis posições-sujeito que nos permitam discutir sobre os sofrimentos, dores e afetos em nossa realidade ainda tão objetiva e racional.

Do ponto de vista teórico metodológico, esta pesquisa encontra-se ancorada nos estudos socioculturais da identidade e da sociedade a partir de Hall e Bauman. Num segundo momento, buscamos entender com Foucault [1926-1984], em sua terceira fase, o cuidado de si, as formas como o sujeito busca as saídas dentro dos sistemas de poder-saber.

Contudo, tanto os estudos socioculturais da identidade quanto os estudos do último Foucault são discussões que nos permitem refletir no nível da consciência. Logo, no decorrer da pesquisa, ao constatar que, para além da consciência, existe algo que o sujeito não domina e que o move, ou seja, o inconsciente se fez necessária a busca de uma sustentação teórica em alguns insights psicanalíticos a partir dos pensamentos de Birman e Forbes. Dessa forma, abriu-se um leque de possibilidades maior para pensar o sujeito da contemporaneidade.

Nossas análises terão como ancoragem a Análise do Discurso Francesa de Michel Pêcheux [1938-1983], uma linha teórica que concebe o discurso no entrecruzamento da estrutura e do acontecimento e que mantém um diálogo com a teoria psicanalítica.

Este estudo se divide em duas partes: Parte I – O Sujeito da Cultura e os Rumos do Desejo na Contemporaneidade realiza uma discussão sobre as transformações nas identidades dos sujeitos ocorridas nos contextos sociocultural e políticos da Modernidade e da Pós-modernidade.

Em seguida, veremos com Foucault e a escrita de si as formas como o sujeito se relaciona com o poder por meio de uma reflexão sobre si. Num terceiro momento, o sujeito na contemporaneidade é discutido tendo como base alguns insights psicanalíticos para compreender o momento da entrada no mundo simbólico e/ou as formas de se relacionar com a falta constitutiva, do sujeito na Modernidade e na Pós-modernidade. E, finalmente, trazemos os pressupostos teóricos e metodológicos da Análise do Discurso Francesa de Pêcheux para subsidiar as nossas análises.

Na Parte II – Um Olhar Ético e Estético sobre a Adolescência será realizada uma discussão sobre o adolescente na contemporaneidade num primeiro momento. Em segundo lugar, explicitaremos a nossa experiência com a criação artística e a escrita de si em sala de aula. Em terceiro lugar, foi realizada uma descrição do contexto de produção dos trabalhos artísticos dos adolescentes de maneira geral e, em seguida uma descrição daqueles que mais se destacaram.

Posteriormente são trazidas as análises que foram desenvolvidas em torno das regularidades apresentadas nos discursos dos adolescentes sobre o próprio processo criativo. Nossa organização das análises está distribuída em três grandes categorias com regularidades específicas de cada uma. São elas: Marcas do Excesso: a transformação do outro em objeto; Marcas do Desejo: quando o sujeito se faz objeto (de desejo) do outro e O Sujeito Entre o Desejo e o Excesso.

Finalmente, trazemos as análises de duas das produções artísticas de nossos sujeitos de pesquisa. Tais produções não são analisadas como algo que ilustra o discurso sobre a criação, mas como um outro discurso, que escapa às palavras tecidas durante os relatos de processo e que podem nos mostrar outras posições-sujeito.

Vale ressaltar que todos os capítulos desse estudo são introduzidos com obras da arte, com a finalidade de ilustrar o conteúdo abordado e, por que não, incitar à reflexão?